

Sagrado e profano

Frederico de Holanda

Duas visões de cidade frequentemente entram em choque quando se discutem questões urbanísticas em Brasília. Não é diferente com as ciclovias na Esplanada dos Ministérios e as árvores que a sombrearão. Os defensores arguem a melhoria da mobilidade urbana. Os detratores dizem que ela danificará a paisagem da Esplanada.

Voltemos um pouquinho no tempo. A Esplanada dos Ministérios tem 300m de largura de empena a empena dos blocos ministeriais. O gramado central entre as doze faixas de rolamento para veículos motorizados tem 200m de largura. Alguns não sabem que estas não eram as dimensões originais do espaço pensado por Lucio Costa. A distância entre empenas laterais dos ministérios era de 240m (60m a menos) e o gramado central tinha 160m de largura (40m a menos). Portanto, mesmo que as faixas arborizadas sombreando as ciclovias tomem 20 metros de cada lado (e pela observação do canteiro de obras não chegará a isso), apenas resultará a dimensão do gramado central como foi inicialmente pensado.

Então, qual o problema? Lucio Costa concebeu Brasília como *civitas* e como *urbs* – a cidade tem um duplo caráter. Por um lado, ela é a cidade do poder, dos símbolos, das representações, das cerimônias; por outro, a cidade secular da vida cotidiana dos habitantes. E ele não concebeu a Esplanada como uma “pura” *civitas*. Alguns também não sabem que há no projeto uma clara indicação de um edifício baixo, conectando os blocos ministeriais entre si, que abrigaria serviços diversos. Nunca foi feito. Noutras palavras, o arquiteto *também* trazia serviços da vida cotidiana para o coração da *civitas*.

O problema é outro. É a reação contra qualquer uso menos “simbólico” ou “nobre” para o espaço. Reage-se contra tudo que *intensifique* o uso cotidiano do lugar, de quaisquer maneiras. Estão sendo mais realistas que o rei. Esquecem que Lucio Costa tinha por referência afetiva as cidades europeias, continentais ou inglesas. E que nelas, sagrado e secular, uso cotidiano e excepcional, misturam-se para definir alguns dos espaços urbanos mais fortes da história. Pensem nos monumentais 8km de comprimento e nos “meros” 70m de largura dos *Champs Élysés*, em Paris. Ou pensem na Praça de São Marcos, em Veneza. Não poderiam ser espaços mais simbólicos e simultaneamente mais preches de intensa e animada vida cotidiana. Na América, pensem no *Mall* de Washington, mais próximo da configuração da Esplanada, cujo gramado central tem 80m de largura; somam-se *duas alamedas laterais arborizadas*, totalizando 240m de largura entre edifícios – a medida original da Esplanada. No mínimo, é bom considerar esses *fatos*.

Decerto o projeto das ciclovias podia ser melhor. Por exemplo, por que não implantá-las mordendo uma faixa de rolamento para veículos, em cada direção? Restariam cinco para veículos. Destas, que tal morder mais uma e implantar os bondes modernos em

faixas exclusivas (VLTs) que, por exemplo, *valorizam* a paisagem de Barcelona, em vez de danificá-la? Seria revertida uma política perversa que desde as origens de nossa querida Capital concede todo o privilégio ao carro. As ciclovias, mesmo não sendo o projeto dos sonhos de alguns de nós, são um avanço. Sinalizam, pelo menos, uma tímida mudança de foco. Valorizar as ciclovias, colocando-as no espaço mais “nobre” da cidade tem uma conotação simbólica a mais: indicam a importância conferida a uma nova forma de mobilidade na qual se investe fortemente mundo afora.

Finalmente, um lugar é tão mais valorizado por seus habitantes quanto mais intensamente ele incorpora-se à vida cotidiana ou aos eventos excepcionais da cidade. Cresce a importância simbólica, além da importância prática. As bicicletas e as árvores que proporcionarão conforto aos pedalantes são uma contribuição. Hoje a Esplanada é quase *exclusivamente* o espaço *sagrado* da *acrópole*, não o espaço *profano* da *ágora*. Sim, por seus atributos, será sempre um espaço *predominantemente* simbólico. Mas as ciclovias e os prédios pensados por Lucio Costa para as laterais do lugar são “temperos urbanos” que só o engrandecerão.

Referenciar como:

HOLANDA, Frederico de. Sagrado e profano. *Correio Braziliense*, Brasília, 17 jun. 2013, Caderno 1, p. 11.